

u
99/11/27
285

21

O TRICENTENARIO DE CAMÕES

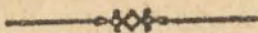
EM

PORTUGAL

DIAS 9, 10 E 11 DE JULHO DE 1880, EM LISBOA
E 5, 6, 7, 8, 9 E 10 DE MAIO DE 1881, EM COIMBRA

DESCRIÇÃO DAS FESTAS EM RESUMO,
DEDICADA A TODA A MOCIDADE ESTUDIOSA,
PELO SEU AFFECTO AMIGO

ROSALINO CANDIDO DE SAMPAIO E BRITO



COIMBRA
IMPRESA ACADEMICA
1881

Cam
285 2/2

O TRICENTENÁRIO DE CAMÕES

EM PORTUGAL

PORTUGAL

E. N. C. E. S. E. 10 DE JUNHO DE 1921, EM COIMBRA

DEPUTADO A TORNAR A SOCIEDADE DE CAMÕES
DE COIMBRA A TORNAR A SOCIEDADE DE CAMÕES
DE COIMBRA A TORNAR A SOCIEDADE DE CAMÕES

ROSALENO GONDALVO DE BARBOSA E BRITO

COIMBRA

EMPRESSA ALABRICA

1821

Impressão Alabrica

1821

O TRICENTENARIO DE CAMÕES

EM

PORTUGAL

Dias 9, 10 e 11 de Julho de 1880, em Lisboa,
e 5, 6, 7, 8, 9 e 10 de Maio de 1881, em Coimbra

DESCRIÇÃO DAS FESTAS EM RESUMO,
DEDICADA A TODA A MOCIDADE ESTUDIOSA
PELO SEU AFFECTO AMIGO

ROSALINO CANDIDO DE SAMPAIO E BRITO



COIMBRA
Imprensa Academica

1881

O TRICENTENARIO DE CAMÕES

Camões
582

PORTUGAL

Dias 9, 10 e 11 de Julho de 1880, em Lisboa,
e 5, 6, 7, 8, 9 e 10 de Maio de 1881, em Coimbra

DESCRIÇÃO DAS FESTAS EM RESUMO,
DEDICADA A TODA A NOBILIDADE ESTUDIOSA
PELO SEU AFFECTO AMIGO

ROSAIZO CANDIDO DE SAMPAYO E BRITO

COIMBRA
Imprensa Academica

1881

DEDICATORIA

ESTUDANTES! ILL.^{mos} e EXC.^{mos} AMIGOS MEUS.

Escrevi sempre para vós—era mister que escrevesse sempre, como tenho escripto—Moral—Moral Christãa—Moral philosophica—Moral do homem de bem—Moral da dignidade humana—

Quer elevem continuamente incenso á virtude, la para os Ceos, quer esmaguem, e afundem para baixo do inferno ainda, o crime, todos os meus escriptos teem para in infernum, bem vivamente gravado (tenho consciencia d'isto), o cunho da dignidade humana.

Ja os lestes?—lede-os ainda outra vez—compenetrai-vos bem das minhas doutrinas de sempre—aceitai-as—observai-as á risca, que foi para vós que eu as escrevi sempre, visto que com-vosco, e de vós sempre vivi; e quando vos achar-des ja velhos, sabereis então avaliar bem, o que é a felicidade de se ter sido sempre homem de bem.

Sou eu, ja velho, e que escrevi sempre para vós, que vol-o asseguro—verdadeiramente feliz, só o homem de bem o pode ser—todos os mais sam uns desgraçados, se teem consciencia d'homem—e é necessario ser homem, porque os dons de racional, não nos foram dados, para nos confundir-mos com os irracionaes.

Como se é homem?—Escutando o brado intimo da consciencia, que nos diz a todos, que somos um ente excepcional em toda a criação do Ente Supremo—DEUS—pela intelligencia e razão que nos foram dadas.

Faço-vos a revelação d'um segredo a este respeito la para diante—dignai-vos de ler, que foi por causa d'esta revelação principalmente, que vos dedica mais este livro o

Vosso affecto, e sempre reconhecido amigo

Rosalino Candido de Sampaio e Brito.

DEDICATORIA

ESTIMADOS! MEUS E EXC. AMIGOS MEUS.

Escrevi sempre para vós—era mister que escrevesse sempre, como tenho escrito—Moral—Moral—Moral da Moral philosophica—Moral do homem de bem—Moral da dignidade humana—

Que estrei continuamente mecesso a vobis, la para os vós, que estrei mecesso a vobis para o mundo e ainda o crime, todos os meus escritos foram para in-ferno, bem vivamente gravado (tenho consciencia d'isto), o campo da dignidade humana.

La os livros—lede os ainda outra vez—compreendi vos bem das minhas doutrinas de sempre—acertadas—observadas a rascas, que foi para vós que eu escrevi sempre, visto que com-vosco, e de vós sempre vive e para do vos achar des ja vellos, sabeis então avaliar bem o que a felicidade de se ter sido sempre homem de bem, sou eu ja velho e que escrevi sempre para vós, que foi o asseguro—verdadeiramente feliz, só o homem de bem o pode ser—tudo os mais sem uns desgrahados, se tem consciencia d'homem—e é necessario ser homem, porque os dons de racional, não nos foram dados, para nos confundir-mos com os irracionais.

Como se é homem?—Escutando o mundo intimo da consciencia, que nos diz a todos, que somos um ente ex-cepional em toda a creação do Ente Supremo—DEUS—pela intelligencia e razão que nos foram dadas.

Faco-vos a revelação d'um segredo a este respeito la para diante—dignai-vos de ter, que foi por causa d'esta revelação principalmente, que vos dedica mais este livro a

Teoso affetto e sempre reconhecido amigo

Resolimo Cambio de Lampiao e Boticas

TRICENTENARIO DE CAMÕES

Os dias 9, 10 e 11 de Julho de 1880. em Lisboa

Teve Carthago, a sua gloria—Roma, os seus triumphos—o seu esplendor, Athenas—Alexandria e Hespanha, as suas tradições romanticas—as suas aventuras, Inglaterra—Napoles e Millão, os seus deliquios musicaes—os seus sonhos de deslumbramento, Pariz e toda a França.

Mas Portugal, oh! Portugal, no curto periodo de menos d'um anno, acabou de ter duas solemnidades estrondosas, a accusar a sua aguerrida heroicidade de ainda ha pouco, e a mostrar ao mundo inteiro, o seu civismo de hoje e de sempre—de sempre sim, visto que ha trezentos annos teve LUIZ DE CAMÕES, o denominado Genio da Patria, o conhecido Epico Portuguez em todo o mundo, e todos os muitos outros, chamados=*quinhentistas de Portugal*=

Nos dias septe e oito de junho de 1880, ainda se trabalhava com vertiginoso desembaraço em Lisboa, nos preparativos para uma festa extraordinaria.

No dia nove ás 10 ou 11 horas da manhã, os carros doirados da casa dos Reis de Portugal, ostentando ainda alli o luxo, a riqueza, a potencia dos Portuguezes d'outras eras, estendiam-se em numero d'um septe ou oito tambem, ao longo do campo de Sancta Anna, por o lado de cima—os Regimentos de cavallaria e de lanceiros, que, postados, se achavam alli tambem, a um dado signal, á voz de sua Alteza, irmão do Rei, o Sr. Infante D. Augusto, com as suas charangas marciaes a tocar, apresentaram espadas, com sua Alteza á frente por primeiro.

Em quanto os carros d'ouro não passaram, as espadas estiveram sempre erguidas, apresentadas.

A que objecto se apresentavam armas, d'uma maneira tão respeitosa, á voz de Sua Alteza, se alli não ia o Rei, nem outro personagem, a quem tal honra, de direito pertencesse então?—

Era a meia duzia d'ossos, e a um craneo, que tivera servido de sacrario á intelligencia mais robusta, mas sobretudo mais nobre, que em homem Deus creou—

Era aos ossos ja carcomidos, ja reduzidos a pó, ja reduzidos a cinza de LUIZ DE CAMÕES.—

Era aos ossos, aos restos mortaes do Auctor sublimissimo, d'essa Epopea immortal, divina, inigualavel, unica talvez no mundo, que mereça bem um tal nome—os LUSIADAS—

Era aos restos mortaes do Genio de Portugal, a quem um ministro, e meia duzia d'enfatuados parvos, não duvidaram chamar tolo, ignorante, idiota perante o Rei, ao ser-lhe a este (ou pretender sel-o) apresentado o thesouro mais rico, que podia ter uma Nação, e de que so Portugal se ufana hoje—os LUSIADAS.—

Era ás cinzas immortaes (não se estranhe que eu chame immortaes ás cinzas de CAMÕES, sam-o em quanto houver quem lea os LUSIADAS) do homem guerreiro e Poeta, admirado, tão admirado por todo o mundo, que todas as Nações cultas teem vertido para as suas linguas, o preciosissimo thesouro da sua intelligencia—os LUSIADAS—

Era aos ossos de CAMÕES! ai! era aos ossos do homem d'amor estremecido pela sua Patria, pelo seu Portugal, aos ossos do Portuguez que pintou, que fez no seu divino Poema, um Deus de cada portuguez—e os seus portuguezes cobriram-no d'injurias, d'affrontas, e d'injustiças, e poderam ter peito de o deixarem viver e morrer abandonado!—O seu fiel escravo—o seu intimo amigo d'alma—o preto Antonio—o seu Jáo, cujo coração nobilissimo de

preto—cuja alma de preto, nobilissima de Caridade divina, valia mais, do que quantos brancos havia então em Portugal, e talvez no mundo inteiro, pedia esmola para o seu senhor! para LUIZ DE CAMÕES! nas ruas de Lisboa, pedradas d'ouro, de pedraria, e de toda a ordem de riquezas fabulosas, que ainda então nos vinham do Oriente, e de todo o mundo onde elle, elle CAMÕES, elle o Poeta divino, dava cada portuguez por um heroi, quasi Deus—nas ruas da Capital, sim então a mais rica do mundo talvez...

Os nossos Reis ainda então, eram tidos e havidos em todo o mundo, por os primeiros Reis do mundo—os nossos fidalgos, era ainda cada um, um potentado maior do que o Rei—Portugal nadava em riquezas então—e Camões, que fizera de cada portuguez um heroi, um semi Deus, ou um proprio Deus—CAMÕES, que tinha acabado de publicar—o seu Poema divino—a sua Epopea immortal—os LUSIADAS—e que nelles fizera, faz, e ha de fazer sempre, admirar por o mundo inteiro, Portugal e os seus heroicos filhos—CAMÕES... ai! CAMÕES! ninguem o via já nas ruas de Lisboa, tão rica, porque não tinha uma calça—não tinha um cazaco—não tinha nm chapeu com que pudesse apparecer em publico, no meio d'um povo, cujos favorecidos do destino, vestiam ainda brocados de oiro! —e agonisava ja, triste, desamparado de todos, menos do seu nobilissimo Jáo, triste sim, afficto, desalentado, so, desolado a um canto, sentindo-se ir desfalecendo á fome talvez!...

Acabemos com esta vergonhosissima, com esta dolorosa infamia dos portuguezes d'aquelle tempo, dos coevos, dos coutemporaneos de LUIZ DE CAMÕES!!! oh! sim, acabemos, que retalha o coração, e faz rebentar as lagrimas aos olhos.....—Eu continuo a descripção, por alto, da nova e grande Epopea, que ha muito reclamava a alma do Povo Portuguez, feita, não em verso por este, ou por aquelle Poeta, mas sim na sua manifestação imponentissima por todo este Povo.

Aquelles ossos sagrados e carcomidos—aquelles venerandissimos restos mortaes (mortaes! que injuria! não... immortaes! immortaes!) de LUIZ DE CAMÕES, transportados agora com tanta magestade, com tanta grandeza,

com tanto, e tão profundo, e tão silencioso respeito, iam a encontrar-se com os de VASCO DA GAMA!

Quem no dia 9 de julho de 1880 se achasse, como eu, em Lisboa, pode dizer affoitamente, que prezenciou um dos espectaculos mais lindo, mais grandioso, mais imponente, mais deslumbrante e magnificante do mundo!

Serião duas horas da tarde, os ossos, aquelles venerandissimos restos do divino Poeta, deram entrada na caza, no grande Palacio do Arsenal, para juntarem-se aos do grande, aos do immortal Navegador portuguez—VASCO DA GAMA—

Por as trez horas e meia, ou coiza que o valha, ao signal de girandolas de foguetes, de musicas, de repiques de sinos, de morteiros, de salvas d'artelheria, o espectaculo mais maravilhoso das coizas dos homens, que os meus olhos teem visto, se começou a representar—um pinhal de mastros embandeirados, se via em movimento—eram todos os vapores grandes e pequenos—todos os navios, todos os barcos, que então se achavam em Lisboa, portuguezes, inglezes, francezes, alemães, italianos, russos, austriacos, irlandezes, turcos e hespanhoes etc., etc., que deslizando pelo Tejo abaixo em duas alas, iam a acompanhar, em cortejo pomposo, o LUSO GALEÃO, que, em todo o meio, transportava do Arsenal para o Convento de Belem—para o significativo e altiloquo pregão das nossas riquezas, e poderio d'outras eras d'ainda ha bem pouco tempo, as duas cinzas sagradas dos dous grandes Lusitanos, que agora alli iam, como que n'um abraço eterno, a repouzarem juntos—no monumento grandioso do seu tempo—no Convento dos Jeronimos—na gigantesca obra de D. Mannel—(Pena foi que o não fossem alli unidas tambem, as de Martim de Freitas—as d'Egas Moniz—as de D. João de Castro—as de Affonso d'Albuquerque—e as de tantos outros benemeritos e heroicos Portuguezes, que ensinaram os homens de todo o mundo a serem nobres).

Oh que espectaculo!!!—Para mim, de Deus, a coisa mais linda que os meus olhos teem visto sempre, depois do Ceo e das estrellas, é Coimbra—nas suas viridentes, alegres, e magicas margens do Mondego—nos seus valles amenos—nos seus montes luxuosos, phantasticos, encantadores, surprehendentes—e no seu clima doce, e d'indifinivel magia—dos homens, foi aquillo—foi o Cortejo de galla,

pomposo, de todos os barcos, navios, e vapores, que se achavam em Lisboa, por o Tejo abaixo, a acompanharem as cinzas de CAMÕES e de VASCO DA GAMA, até Belem.

—Valia bem a pena, vir até dos confins do mundo, a gastar alguns centos de libras, so para ver aquillo, e tudo quanto os Portuguezes de hoje, fizeram então á memoria do Poeta, que os portuguezes d'hontem, deixaram morrer á fome! . . . !

Portugal, depois dos seus Homericos triumphos—depois das suas Camonianas glorias, teve ainda um dia grande—muito grande!

Milhares, milhares, e milhares de cabeças do Povo de Lisboa ás suas janellas, ás suas varandas, nas suas portas—milhares, milhares e milhares de individuos de fora, homens e mulheres, rapazes e raparigas, novos e velhos—multidões apinhadas, aqui, e alem, e acolá, e em toda a parte pelos altos da Cidade—um cordão de gente á beira do Tejo, desde o Terreiro do Paço até Belem, assistiam, viam, prezenciavam no dia 9 de julho de 1880, em jogo naval, o espectáculo mais aparatoso e lindo que eu tenho visto—era o desfilar de todos aquelles vapores, navios, barcos, um pinhal embandeirado pelo Tejo abaixo, em Cortejo ás cinzas de dois Portuguezes benemeritos da Patria—de CAMÕES—e do Nobre VASCO DA GAMA—Lembrava, representava mesmo, o desfilhar d'uma poderosa armada dos Lusitanos, do tempo de D. Manuel.

Era vistoso!—era lindo—era magico—era encantador aquelle imponente espectáculo pelas limpidas, cristalinas agoas do Tejo abaixo, em que se reflectia como n'um espelho, o Ceo azul, o Ceo divino so de Portugal, na sua mais diafana pureza, como o d'um dia de Primavera plena.

Eu podia contentar-me com aquillo so, e dava por bem empregados os vintens que então fui gastar a Lisboa.

Mas isso sim! qual historia!—eu tinha-me levantado antes das quatro horas—tinha percorrido a Cidade quasi inteira logo de manhã cedo—estivera a pé firme, seguramente mais de duas e meia horas, no Convento de Sancta Anna, á espera da cerimonia do levantamento d'alli, das reliquias sagradas do primeiro dos filhos da Patria—de LUIZ DE CAMÕES—Desde que me tinha levantado—

desde as quatro horas da manhã, eu nem um minuto sequer me tinha ainda sentado, porque nesse dia grande, para Lisboa, grande para Portugal, e grande para mim tambem, eu com o medo de deixar perder pitada, como se costuma dizer, d'aquella cerimonia, na mentida esperanza d'um quarto d'hora ao menos, para ir a jantar, não tinha almoçado.

Com tres quartos d'hora, ou uma hora mais, que, a pé firme ainda, tive de estar junto do Arsenal, á espera que a multidão compacta, enorme, impossivel de romper, que alli se aglomerara, presurosa, para ver passar os carros d'ouro, que desde D. Manuel, ou ja la desde D. Affonso Henriques, não tinham apparecido em publico, tão racional e apropriadamente, como agora—com tres quartos d'hora mais digo, que, a pé firme, tive d'ali estar á espera que aquella multidão alli apinhada, firme, irresistivel, inabalavel, immovel como rocha dura, cedesse, para se poder passar, infira-se qual devia ser o estado dos meus pés—eram isto que se costuma dizer—*os pés n'uma vima*—

Mas ca para mim, ca para o meu genio, faltava o melhor—era o bello, era o lindo passeio até Belem, não tão lindo, por mais que o encareçam, como por exemplo, o do Porto á Foz, por cauza dos seus montes, cobertos de frescos virentes pinheiros, e outros arvoredos, e verduras de todas as qualidades, ou va uma pessoa á beira do Douro por Massarellos, ou por a Boa Vista, a travez dos lindos Campos de Cedofeita, até á praça de Cadouços.

Mas em todo o cazo, lindo, e muito lindo.

E neste dia muito principalmente, porque era um dia grande, de grande galla em Lisboa, por toda a parte.

E para mais, em Belem, á espera do desembarque das cinzas dos dois immortaes, em vistoso aparato, se achava postada toda a Divizão, com os seus Majores, Tenentes Coroneis, Coroneis e Generaes á frente, e as suas musicas tocando sempre.

E eu havia de perder isto?! isso sim! podia la ser!—a Belem! a Belem!

Eu bem olhava—eu bem procurava ver se me era possivel metter-me n'algun dos centenares de carros, que iam passando constantemente; mas qual historia!—impossivel!...

Perdi de todo as esperanças, mas livre, ja bem livre do aperto da multidão, senti-me reanimado com os ares do

rio e do mar, e em menos de trez quartos d' hora, eu achei-me em Belem—era mais um espectaculo grandioso!—Desde o ponto do desembarque, uma rua preparada como jardim até ao grandioso monumento dos Jeronymos—os embandeiramentos flamulando suavemente, pois suavemente corria a viração d'aquelle dia esplendido—os cobertores sem despegar, e d'um luxo deslumbrante, aziatico—ca por baixo um mar de gente—a Divisão postada alli inteira, em armas apresentadas ao passar o deposito sagrado,—as musicas todas a tocar, e as multidões apinhadas por todas as eminencias, era isto que se diz=*Ceo aberto*=

Septe horas da tarde serião ja, quando eu, sem ter a habilidade d'arranjar um lugar num carro de qualquer ordem, porque nunca pude ser atrevido nem mal creado, sem me ter sentado mais do que uns dez ou doze minutos, para reanimar-me com uma pinga de vinho e um bocado de pão, septe horas, digo, serião ja quando, sem me lembrar, que nem tinha almoçado, nem tinha jantado, nem siquer me tinha sentado em todo o dia, senão aquelles dez ou dose minutos, todo alegre, todo contente, todo vida, todo ferro, todo aço, eu voltava outra vez a pé de Belem para Lisboa—ora... e admiravelmente! nunca legua grande, nem pequena, me pareceu tão pequenina—é que eu vinha sempre á frente e ao som de musicas—e a musica a mim, fez-me sempre esquecer de tudo.

Depois de ter contado tudo o que acabamos de ver, com respeito á minha rijura, eu vou a contar mais um facto, impossivel d'acreditar para a maior parte dos mortaes, á vista do que acabamos de ouvir—Faço-o—Conto-o, dando a razão d'elle, por descubrir um segredo proveitoso para a humanidade.

Quando acabado tendo de chegar de Belem, entrava na rua Augusta, andava-se ja principiando a acender a illuminação—ja o começo so deslumbrava—que faria em a Cidade de Lisboa se apresentando uma Cidade toda de luzes! E eu havia-de perder aquelle espectaculo, tão claro, tão significativo, tão deslumbrante?...

Nada... não podia ser...—um pio christão qualquer, depois de ter-se levantado antes das quatro horas da manhã—depois de ir a Belem, e tornar a vir a pé, sem que

até então, que eram já quasi nove horas da noite, se tivesse sentado, mais do que uns dez ou dose minutos, aquelles dez ou dose minutos que eu tomei, por necessidade de reanimar as forças do corpo, e sem que ainda áquella hora, não tivesse, nem almoçado, nem jantado, ia logo a ceiar ao menos, e deitava-se immediatamente, para ficar a dormir e a descansar, fazendo de septe dias, e de septe noites continuas, uma so noite—e mandava as luzes, e as festas a CAMÕES, e os festeiros, e Lisboa inteira, e o proprio CAMÕES para o diabo.

Mas eu ca não... eu ca é que não podia fazer isso—tinha ido a Lisboa de proposito so ás festas, havia-de ver, e ver tudo.

Comer e beber uma pinguita porem, era em todo o caso, uma necessidade urgente, absoluta, impreterivel.

Com os diachos! d'aqui onde ainda o jantar está á minha espera, é quasi uma legoa! dizia eu ca com os meus botões—Está dicto... vou a jantar... quem desde as quatro horas tem estado sempre de pé, andar mais nma legoa quasi, não é coisa de fazer espanto—depois, eu vou a ver as illuminações la para cima...

Dicto e feito, determino-me sem hesitação, e em vez d'ir a gastar oito ou dez tostões, ou dose, ou quatorze, ou vinte n'nm restaurante, fui jantar á caza onde era dever meu pagar, quer comesse quer não comesse, e em menos de meia hora talvez, eu estava sentado á meza.

Os pés ardiam-me, mas a cabeça estava num vulcão de curiosidade — eu queria ver e gosar tudo, tudo tudo!—portanto com o ultimo bocado ainda na bocca, como se costuma dizer, eu la ia ja levado outra vez pelas ruas da Capital a fora.

E' prodigioso! eu que tinha de manhã cedo percorrido grande parte da Cidade para ir de passeio para o campo — eu que tinha, depois de ter passeado cinco a seis horas, estado a pé firme, umas trez horas de pé, á espera da primeira cerimonia dos ossos, no Convento de Sancta Anna — mais depois d'igual modo, uma hora ou mais juncto do Arsenal — eu que tinha ido e vindo de Belem a pé, que me não sentára em todo um dia de Julho, senão alli uns dez ou dose minutos — que não tinha almoçado, nem jantado — e que só agora á noite ja de todo, comia dous bocados de carne fria, e bebia um copo de vinho; depois d'ir a ver

as refulgentissimas illuminações de toda a Cidade baixa, vendo-me muitas vezes em tal dificuldade para passar nalgumas ruas, mesmo das mais largas, apinhadas da multidão, que me era forçoso voltar a traz, a procurar alguma, porventura mais livre, quando a não achava ainda mais obstruída, eu, digo, depois de tudo isto, percorria, a altas horas da noite, a Cidade de Lisboa quasi inteira, indo a distancias immensas, a ver as brilhantes illuminações a gaz — a observar os fócios da luz electrica, passando deste ponto áquelle, atravessando largos, voltando ruas, entrando e sahindo beccos etc., etc., até que ás tres horas da manhã recolhi a casa.

— «E' mentira! é mentira! trez vezes mentira! não ha homem nenhum, que fosse capaz d'estar de pé, sempre, vinte e trez horas quasi, e quasi sem comer nem beber, como tu dizes, indo de mais a mais a pé de Lisboa a Belem, e vindo de la igualmente a pé» parece-me ouvir ja dizer a todos os que nunca, na sua vida, se viram na necessidade d'andarem meio dia ao menos, sem um minuto siquer se poderem sentar.

Pois eu respondo-lhe—é verdade, é verdade, é mil vezes verdade, pois o facto deu-se comigo — e eu conto-o, para, segundo o meu sistema de entender, que todo o escripto publicado, deve encerrar algum bem para a humanidade, revelar o tal segredo, que ahi a cima annunciei ao meu leitor, ao leitor deste meu escripto mais.

Como é segredo, vamos a elle — não é assim?... vamos — vamos a elle. —

No meu = CAMÕES DE ROSALINO CANDIDO, em umas explicações que alli faço, antes do verso, porque os meus escriptos sam lidos todos, quasi so pela mocidade, dei eu a razão philosophica, d'aquelle nosso rifão antigo, que constitue uma alta, e importantissima verdade (importantissima para os doentes) = *homem e mulher doente, homem e mulher para sempre* =

No meu LÉGENÁRIO MYSTERIOSO, Poema que acabo de publicar, igualmente pelo mesmo motivo, alli aconselho os verdadeiros elixires, as verdadeiras tinturas a uzar.

Não hei-de pois deixar de fazer o mesmo neste escripto agora, pois é a mocidade ainda, para quem elle é destinado.

Pareceu muito a todos, que eu dissesse, que tinha andado todo o dia de Julho, desde as quatro horas da manhã, sem me sentar quasi, sem comer, nem beber, tendo ido a Belem e vindo a pé — e que ainda por cima tivesse a força e a coragem, de andar até ás trez horas da manhã, *a correr a coxia toda* — pois não é verdade?

Com effeito, não é muito so, mas é até mesmo impossivel para a maior parte dos homens — é impossivel para todos aquelles que procuram a morte, por suas proprias mãos, como se costuma dizer.

Mas coiza facilima para mim, e para todos aquelles que, como eu, seguram, agarram a vida nas mãos.

E este é que é o tal segredo — eis o tal segredo. —

E' á mocidade que eu estou agora a fallar, que foi para isto, de proposito, que eu lhe dediquei este meu escripto, so por causa da revelação deste segredo — e portanto ouça —

O homem não nasceu para viver authomatica, e animalmente, como os outros animaes — não lhe foram dados dons tão preciosos, como sam a intelligencia, a razão, a memoria, e a percepção, para viver como os irracionaes — para se não distinguir dos proprios brutos — e todos aquelles que cegamente obedecem ás paixões e tendencias animaes, degradam-se ainda abaixo d'elles, dos proprios brutos.

Ouçã, ouçã pois a mocidade, que tem de presidir aos destinos da humanidade — ouçã — aprenda — e ensine.

O homem, quando se enobrece com o uso da intelligencia, e da razão que Deus lhe deu — quando se não mata por suas proprias mãos, como tantos que ahi temos visto, desde que se deixou perder da memoria, a mais bella, a mais sancta, a mais nobre das purezas = a pureza dos tempos patriarcaes = não pode andar so um dia inteiro sem se sentar nunca, e quasi sem comer nem beber, pode andar até muitos dias consecutivos, com um fraco alimento, e sempre alegre — e sempre contente — e sempre feliz — e sempre ditoso.

Oh! mas quando sobre tudo se sabe, se experimenta o que é verdadeira alegria, verdadeira felicidade, é quando o individuo, já velho, se sente ainda rapaz, por, quando rapaz, ter sabido viver com a prudencia de velho — oh! se o rapaz soubesse o que é este bem, o que é esta felicidade, dava com certeza, quarenta prazeres de rapaz, por cada dia de velho.

Mocidade, jovens moços, a felicidade suprema sobre a terra, é viver sem dores, nem do corpo nem da alma — e esta dita, abstraindo das dores naturaes, provenientes d'enfermidades, inherentes a quasi todos, pela propria natureza humana, esta ditta, repito, so a podem ter aquelles, que, quando rapazes, fizeram uzo da intelligencia e da razão, para viverem nobremente como entes racionaes, e não como brutos animaes.

Oh! quando se vive, quando se tem vivido sempre como racional nobre, e nunca como bruto irracional, a terra então, o mundo, é um Paraizo, — e o homem, e a mulher, os seus habitantes castos, innocentes, puros, felizes, destinados por Deus a uma morte bemaventurada — Esta é que é a verdadeira, a unica felicidade do homem sobre a terra — *Ite, et docete omnes gentes* — ide — ide, jovens moços, e ensinai esta verdade, a sua felicidade á humanidade toda, que eu continuo a descrever-vos o Tricentenario de Camões em Portugal, continuando ainda, para exemplo de felicidade, a dar-vos razão da rijura dos meus pes, e das minhas pernas.

O dia dez de Julho de 1880, foi o destinado para o prestito civico em Lisboa.

Tendo-me deitado ás trez horas da manhã, eu, attendendo á massada do dia nove, parece que devia estar na cama até ao meio dia, como os fidalgos — com os diachos! ao menos até as oito horas!

Ora... isso sim! *pega-lhe que logo...* ás seis horas da manhã, ja eu estava a lavar-me, para ir, em quanto se não aprontava o almoço, a gozar a viração fresca d'aquella hora, ao hospital, ou azylo de D. Estephania.

Voltei logo — almocei, e lá vou eu levado pelas ruas da Cidade abaixo, direito ao Terreiro do Paço, a ver em que alturas estavam as coizas pera a procissão — estava ja

tudo vistossissimo ; mas era ainda muito cedo — serião oito horas.

Com os diachos ! em que hei-de eu passar o tempo diaqui ate ás trez ou quatro horas, em que ha de ter lugar a tal procissão ! disse eu ca comigo, um pouco duvidoso — irei a Cacilhas ? — irei a Almada ? — irei ao Barreiro ? — Nada, que isso é muito arriscado — posso não ter vapor para ca, e la se vai o melhor das Festas — Está dicto... vou a ver os peixes grandes á praça do peixe. Dicto e feito... rua do Arsenal fora, e eis-me na praça do peixe — Não havia la naquelle dia bichos grandes — era tudo peixe pequeno, e portanto meia volta á direita, e eis-me pelo aterro abaixo, a gosar.

O dia estava esplendido, como o antecedente, e eu a gosar, a gosar, a gosar por alli abaixo, dei outra vez comigo a pé em Belem, sem consciencia.

Ja que, sem querer, alli me achei, mais um pouco alem estava o sumptuoso e lindissimo Palacio da Ajuda, e eu ja ha bastantes annos que o não tinha visitado, não obstante frequentes vezes ir a Lisboa — Pois está dicto, vou até la...

Fui... e tendo-me descuidado um pouco por alli, a fumar o meu cigarrito, eis que de repente me lembra o prestito civico em Lisboa — pergunto a uma sentinella que horas eram — e ella responde-me = «estam a cahir as duas.»

Oh com os diachos ! la se vai tudo quanto Martha fiou ! — ja não tenho tempo d'ir a jantar ! — olhe la, camarada, o sr. não se enganaria, com a vontade de ser rendido ? ...

— «Nada, não senhor, não me engano não tenho *telha* co o snr., ja não falta nem um quarto para as duas.»

— Pois então agora ja não vou á ingleza para Lisboa, vou á portugueza — olhe la, o snr. sabe o que é andar á ingleza ?

— «Andar á ingleza é vir a Belem n'uma boa orça, e voltar na mesma para Lisboa a trote largo, e como que ás cuadas sobre o selim, á maneira dos rapazes, quando, todos contentes, todos satisfeitos, todos criancinhas, se andam baloiçando n'uma taboa, um n'uma ponta, e outro n'outra.»

— Nada, não senhor... andar á ingleza, é dar grandes passeios a pe para se gosar saude, vir a pé, por exemplo, não so de Lisboa aqui, mas até de Coimbra a Lisboa,

como eu já o fiz uma vez, ha mais de vinte annos, e como ainda hoje, se me der muito na cabeça, o faço, com a maior facilidade do mundo.

— «Pode ir o senhor a passear então até ao inferno, e escuza de pagar a quem o para lá leve.»

— Obrigado, obrigado, meu amigo, mas para ahi não vou, que não sei o caminho...

— «Quem tem bocca vai a Roma.»

— Pois sim, mas eu agora vou so até Lisboa, a ver o Prestito civico — bem me custa... mas não tenho remedio agora, senão ir á portugueza, que se não ja não chego a tempo — adeus, adeus, meu bom amigo, vou meter-me n'um carro — até mais ver...

Com effeito, rompo por alli abaixo, e em menos d'um quarto d'hora eu achava-me ja dentro d'um carro.

Ora, *elle* verdade, verdade, que para uma pressa, andar á portugueza não é máo... mas sem necessidade!... ora... é um pedantismo sem igual, uma parlapatice — D'ahi a outro quarto d'hora, se tanto, estava eu ja em Lisboa.

O Prestito começava ja a desfilar — mas eu ja não tinha direito a vel-o — dois regalos no mesmo dia, e quasi á mesma hora, é pecado — eu tinha-me regalado com o meu romantico passeio pelo aterro abaixo até Belem, e dalli até á Ajuda, a ponto de ter-me esquecido do tal Prestito — cheguei já tarde — fui o ultimo — e portanto eu perdi o direito de ver — quem estava *estava*, ninguem lhe podia tirar a vez.

Ao Terreiro do Paço, ja se não podia ir — na rua Augusta, era impossivel entrar — nas paralelas, e em todas as travessas, regorgitavam as multidões!

Mas eu! eu que tinha ido de proposito a Lisboa, sem ninguem me la chamar, so para ver as Festas a CAMÕES, ao Poeta universal — ao Epico potente — ao Trovador divino, não havia-de ver e analisar a grande Procissão em sua honra?... — não podia ser... —

De rua em rua então — de travessa em travessa — furando por aqui — *furquilhando* por alem, pude, depois d'um trabalho immenso, achar-me no Rocio.

Para ver-me livre do aperto das multidões, e respirar mais livre por um pouco, eu avancei para o centro da Praça. —

Que grande patarata! que grande estúpido! que grande

laponio eu não fui então! — ainda dez minutos não eram passados, já aquella grande Praça oblonga, se achava apinhada de gente em toda a volta, desde o cimo até ao fundo, e eu preso no meio, como se fosse algum coelho, a quem se tivesse feito montaria, ou então o ditoso degredado de Santa Elena, sem d'alli poder escapar-me por parte nenhuma!! — era o ratinho esperto, que, com a ambição da isca, se deixou fechar na gaiola.

As multidões afluíam de todas as partes, cada vez mais e mais.

— Oh senhor, o senhor faz o favor de me deixar passar, dizia eu a um individuo qualquer, dos muitos mil que alli se achavam para ver passar o Prestito.

— «Nada, não senhor. . . aqui não passa ninguem.»

— Oh homem! pois então eu vim do Porto aqui, de proposito, para ver isto, e não heide ver nada!

— «Veio? . . . pois nós já cá estávamos primeiro — arranje-se como puder, que eu fiz o mesmo.»

— Eu não lhe quero tirar a vez, nem ao senhor nem a ninguem — eu o que quero é só atravessar para além, que tenho d'ir a uma parte.

— «Ah, lá isso sim. . . então passe, passe de pressa.»

Pude passar com muito custo, a travez daquella multidão compacta dum e doutro lado, e precisando para isto de dar uma grande volta, a poder de muitas voltas, por cauza do embaraço do povo immenso, no caminho mais direito, fui a correr, a correr, a correr para juncto das grades que circumdam a Praça, onde bem feita, magestosa, heroica, e imponente, se acha a statua de CAMOES.

Foi então que eu conheci, que havia muitos, muitos, e muitos, muito mais espertos do que eu — já se lá não cabia! — a multidão alli e por o Chiado abaixo, era enorme.

Eu tinha já desesperado de poder analysar alguma parte ao menos do Prestito; mas bem se diz = o homem põe, e Deus dispõe =

Aqui foi Deus com effeito que dispoz as coizas, para eu poder ver, e analyzar bem o Prestito.

— «Ora leve o diabo o prestito, e mais quem o determinou. . . ainda não eram duas horas quando para aqui vim, (dizia um figuro todo engravatado para outro, que se achava mesmo arrumadinho, collado mesmo ás grades) — sam já cinco horas, e eu não vejo, nem signal siquer,

d'elle ca chegar — quer você vir d'ahi? — ande — vamos a jantar... com a barriga a dar horas, não sabem as festas — leve o diabo o cortejo a Camões, e o Camões, e o diabo que os leve a todos... ande, vamos d'aqui...

Eu que ainda que houvessem ja oito dias que não tivesse jantado, ja d'alli me não retirava, ainda que o Prestito houvesse de passar so ao outro dia ás septe ou oito horas da noite, apesar de não ser homem de dinheiro, se aquelles figuros não fossem tão figurões, era capaz de puchar pela minha bolça d'aço, de misanga, ou de linho, ou de qualquer outra coiza que a tivesse, e dar a cada um cinco ou dez tostões para o jantar, por me deixarem substituindo-os, veja, ajuize o leitor se póde, da alegria que eu experimentei, ao ouvir aquelles dous patuscos, mandarem Camões e o Cortejo em sua honra, para o diabo.

Não os substitui perfeitamente, porque ao meu lado estavam duas mulheres bonitas, e eu, em havendo mulheres, quer sejam bonitas, quer sejam feias, sou todo cortejo.

Mas ja bem adiante, pude, por entre as cabeças d'ellas, ver e analizar á minha vontade, todo o Prestito, logo que elle veio chegando.

Ja não foi intento meu, quando principiei este escripto, fazer uma descripção propriamente dicta d'aquelle acto tão grandioso, que isso, segundo o meu systema d'aproveitar as occasiões, e todos os pontos que, no decurso de qualquer ordem d'escriptos meus se offerecem para moralizar, dava la para um volume de muitas e muitas paginas, e portanto de muita despeza, e eu quero taxar este meu pequeno trabalho mais, apenas num tostão, não so porque a occazião não é boa, para os srs. estudantes largarem dinheiro, attentas as muitas despesas que teem feito durante todo o anno, mas até mesmo porque para o tempo em que o eu devo apresentar, que é d'aqui a septe dias (dia das matriculas), ja tempo não tenho para poder ser minucioso.

Quatro palavras so porem, como que pontos seus capitães, sam bastante, para d'ellas se inferir a sua grandeza — Não foi so imponente o Prestito, o Cortejo civico—foi imponentissimo.

Não foi so um acto civilizador—foi jus a uma grande gloria para Portugal, a todos os respeitos.

E foi tão grande—e foi tão magestoso—e foi tão im-

ponente—e foi tão civilizador, que principiando a desfilar ás duas e meia da tarde, havendo nas ruas de Lisboa uma multidão de gente, como talvez Lisboa nunca tivesse visto em si, sem um bofetão—sem uma ameaça—sem o mais leve remoque siquer, entre tanta gente, so ás seis e meia (parece-me) é que elle já já passando por a frente da estatua sublime de CAMÕES, tirando todo o mundo o chapéu, e abatendo bandeiras os que as levavam.

Eu vi a mais d'uma duzia de individuos talvez, dos que iam no Prestito, correrem-lhe as lagrimas, ao encararem a estatua, e enchugal-as com os seus lenços brancos.

E com effeito, elle não é para menos—abatem-se bandeiras hoje—tira-se o chapéu em signal do mais profundo respeito, diante do bronze que representa o homem, que ha trezentos annos, um ministro chamou parvo, doido, visionario, e os seus concidadãos deixaram morrer de fome!...!...!...

Noite ja de todo, o Prestito recolheu e acabou-se o dia 10, succedendo-lhe a noite, tão clara como o dia pela manhã.

No dia 11 uma outra surpresa estava preparada ao publico, sem que tivesse de pagar alguma coiza—foram os fogos de todas as qualidades, de todos os feitios, de todas as cores, de todos os tamanhos, de todos os preços, e de todas as nacionalidades, no meio de dois mares immensos de barricadas d'alcatrão a arder, substituidas duas e tres vezes—era isto no Campo, de Sancta Martha chamado, creio eu, e hoje Bairro de Camões, se me não enganaram.—O effeito foi coiza nunca vista em Portugal, senão agora.

Terminou com este divertimento d'alegria, no meio de meriades e meriades de foguetes continuos, o Tricentenario de LUIZ DE CAMÕES em Lisboa.

Fizeram-se Festas esplendidas pelo mesmo motivo no Porto, em Coimbra, e em varias Villas e Cidades do Reino, e la fora no estrangeiro em muitissimas partes, mas sobretudo esplendidissimas tambem, na America, e na Africa.

Restava ainda o ultimo complemento—estava destinado aos briosos Estudantes de Coimbra de 1880 para 1881.

No mais eloquente dos resumos diria eu, que a descripção da mais sympathica das Festas que em Portngal se teem feito, estava no proprio Programma d'ellas—Mas não... não, que os rapazes (permittam-me Suas Excellen-

cias este tratamento, que é o da muita amizade, affeição e confiança que tenho com todos, e de todos), não... digo, que os rapazes, não só cumpriram á risca o que prometteram, o que todo o mundo julgava impossivel, por falta de elementos, mas chegaram-n'o até mesmo a exceder em muito.

Não posso tambem, ser agora minucioso a este respeito, pelas cauzas ja allegadas—mas façamos, abreviada, uma narração das Festas Academicas em Coimbra, á memoria do mais nobre heroico, e sublime dos Poetas do mundo—
CAMÕES—

Os dias 5, 6, 7, 8, 9 e 10 de Maio de 1881 em Coimbra

No dia 4 fabricava-se uma especie d'estaleiro, e d'arsenal no Porto dos Bentos—faziam-se alli os preparativos para a Flotilha, que havia de partir do Cáes, pelo Mondego acima até a Lapa dos Esteios, no dia 5 á noite com o Orpheon do Arroio, e as Commissões dos festejos.

—«Os rapazes estam doidos...» dizia um doutor, que movido de curiosidade provavelmente, chegou áquelle sitio, numa das occasiões em que eu la me achava tambem —«elles quererão alli engaiolar rouxinoes naquellas caranguejolas, ou prender lá macacos?»—eram umas especies de rodas e andaimes para a illuminação dos barcos, e um assento, um apoio, uma especie da arca d'aliança, para a luz electrica.

Eu achei pilheria ao doutor—ri-me, e deixei-o lá, a fazer os seus commentarios á vontade.

No dia 5 á noite, Coimbra, toda illuminada, offerencia uma d'estas vistas de surprehender, magica, encantadora, fascinante—honra seja aos seus habitantes.

A Flotilha partiu do Caes ás nove horas da noite—era lindo! era lindo! era muito lindo! ver aquillo!

Coimbra, desde o cruto da torre da Universidade, na sua forma de throno que tem, em amphiteatro, cheia agora de luzes, como que cravejada de grossos brilhantes até ca

baixo ao rio, como que debruçando-se, toda sorrisos de sympathia e amor, por tantos jovens lindos e bellos, e esperançosos que alli iam, debrucando-se digo, para os ver a elles e á sua flotilha, toda illuminada, toda galla e risos por o Mondego acima, como que caminhando para a Ilha encantada, para a Ilha dos amores, que lhe ia apontando a facha continua de raios de luz electrica, a travez do verde dos choupos, e das selvas, não era agora a Veneza em Festas, a Pariz, ou Lisboa em gala, era muito mais que ellas, era a Coimbra agora encantada dos rapazes, dos seus Academicos, ella que é sempre encantadora!

A escolha do sitio para o desembarque dos guerreiros enamorados, d'aquella armada, em esplendida illuminação, não podia ser mais azada, para aquelles tiros e sustos d'amor das Nymphas, ora a fugirem, ora a esperarem, ora indo cada qual a fingir que cahia, ora cada qual fingindo que fugia, tão linda e brejoiramente pintadas por CAMÕES, quando deu na sua Epopea immortal, a entrada dos Portuguezes na Ilha dos amores.

Ora, e eu confesso, eu confesso o meu peccadito—tambem la fui naquella noite d'encantos, com o mesmo cheiro, com as illusões de rapaz, como se ainda fosse um joven muito enbiçoso e lindo, e ainda mais cubiçado, por minha extraordinaria *formozura e lindeza*.

Mas diacho! embora agil, activo, e por grande felicidade minha, sem me ter ainda acabado de nascer a mó do sizo, isto é, sem ter ainda perfeito juizo, a respeito de sonhos de Nymphas, (mas é das mythologicas, entende-se,) como ja estou um velhão, apenas d'esqueleto a minha cabeça assumou áquelle Parque de verdura, ellas, as Nympas, (diabo! diabo!), agora não fingiram só, fugiram realmente, todas horrorisadas, e mandaram para alli os satyros horrendos, a fazer-me carantonhas diabolicas!!

Foi o diabo—foi o diabo ter eu alli ido, e outros taes como eu... Desertos aquelles bosques e fontes das taes Nymphas, por cauza de nós, os rapazes do Orpheon, como gente de formas bellas, nova e estranha, vindos d'estranhos mundos, apenas desembarcaram em meio d'um mar de luzes, como não viram alli divinaes bellezas femininas, atravessaram ao som de musicas a Quinta das Canas, e eis por toda a estrada abaixo, a tal marcha *aux flambeaux*, de que resava o Programma, para a primeira noite das Festas.

Mas nem eu, nem ninguém pensavamos que havia-de ser um passeio tão lindo, uma coisa tão estrondosa!

Eu passando, como pude para diante, vim a correr a correr, a postar-me na Couraça de Lisboa, em varios pontos, para ver o effeito d'aquelle espectaculo lindo, só capaz de ser imaginado por irrequietos e alegres rapazes fulgurações, e para poder agora dizer, que desde a Quinta das Canas até á das Lagrimas, e d'alli até á ponte, até á entrada da Cidade, era toda a estrada, uma estrada de luzes, não de luzes pequeninas, como quando sa faz de noite um grande enterro, á luz de cirios, mas sim de grandes fachos de luz, no cimo de milhares e milhares d'archotes, alegres, contentes, satisfeitos, e brincalhões nos ares, como aquelles que os traziam.

Eu tornei a descer para baixo a ver...—Aquella Procissões de fogo, e de tanta vida, deu entrada na Cidade, de baixo de girandolas de foguetes pela rua da Calçada—desceu á do Visconde da Luz brilhantissimamente illuminadas—deu volta pela dos Sapateiros, e Praça de S. Bartholomeu—subiu pelo Arco d'Almedina, rua das Fangas, virando para a do Correio—Sé velha acima—rua das Covas—E passando por baixo do Arco de triumpho, que para isto tinha sido levantado á entrada da rua das Colchas para o grande largo da Sé Nova, chamado—Feira dos Estudantes—ao som de girandolas de foguetes, tendo aqui chegado á frente sempre com as musicas, dispersou—e acabou-se a noite do dia 5.

Nada... nada... os rapazes é verdade que tinham promettido aquella diversão, como principio das Festas, mas a verdade primeiro que tudo—elles não tinham promettido, que havia de ser uma coisa tão poetica e linda—não so executaram por tanto o que prometteram; mas até o excederam!

No dia seguinte = 6 de Maio = rica e luxuosamente embandeiradas — riquissima, e luxuosissimamente adornadas as ruas principaes, quer da Cidade alta, quer da Cidade baixa, por onde tinha de passar o Prestito d'instrução, luxuosissimamente, sim, adornadas de cobertores de alto preço todas as suas janellas, graças, mil graças e honras aos briosos Conimbricenses, com dois Estudantes á frente, vestidos, um á antiga portugueza, outro á côrte,

em soberbos cavallos montados, riquissimamente ajaezados, o Prestito começou a desfilhar por a uma hora da tarde.

O que foi este Prestito? — Com a Procissão de meninas á frente com as suas Mestras, e meninos com os seus Mestres logo após — com as Comissões dos Festejos — com a da Imprensa de Lisboa — com a Imprensa de Coimbra, e todas as diversas corporações depois — com a Academia em pezo na retaguarda, transportando o Estudante mais novo de cada Faculdade o Estandarte da sua côr, o Prestito não foi so um acto imponente de civismo, foi um delirio d'entusiasmos e d'affeições — ora... e como o não havia-de ser, se elle era uma Festa puramente so de rapazes, jovens bellos, em peito dos quaes referve e trasborda a seiva do amor, e de tudo quanto é bello — das ideas grandes — dos sentimentos nobres — dos sentimentos divinos!...

Os vivas succediam-se — o regosijo era geral — o delirio constante desde o momento primeiro — oh! mas quando por baixo ja do poetico arvoredado de Coimbra, a vanguarda do Prestito tinha dado a volta da Fonte Nova, e a sympathica Academia começava a apontar ca em cima, depois de passar o Arco do Collegio Novo, o delirio então tocou o phrenesi — os que apontavam em cima, a saudarem os que passavam em baixo — os que iam em baixo, a saudarem os que vinham em cima, não ha descripção por penna, capaz de pintar bem, a impressão d'amor sancto, de sanctos enthusiasmos, que aquelles vivas produziã, em corações velhos e novos.

A Camara esperava encorporada nos Paços do Concelho — o Prestito recebeu-a, e continuou — as ruas Visconde da Luz e Calçada, deslumbavam de riqueza dum e doutro lado, em todas as suas extenções.

Seguiu por a Couraça de Lisboa acima — tambem esta rua, a mais poetica de Coimbra, mostrou ao Mondego que passa a banhar-lhe os pés, e ás suas margens, que a Cidade se achava toda em gala e luxo do Oriente, em honra de LUIZ DE CAMÕES.

Continuou... — e a mesma riqueza se viu em todas as ruas, até que o Prestito terminou, com a significativa cerimonia da distribuição dos Lusíadas ás creanças, juncto do Pavilhão, levantado no meio da Feira.

Não estavam terminadas as Festas deste dia — um Con-

certo monstro, como se costuma dizer, de cento e vinte e tantos musicos — um concerto grandioso com o Orpheon todo de pé, em cima da escadaria (e portanto não cento e vinte musicos, como acabo de dizer, mas mais de duzentos e vinte, provavelmente), se executou até á uma hora da noite para as duas, no Pateo da Universidade.

O Arco que illuminava com as suas estrellas de luz de gaz, as frontes expressivas daquelle grande grupo em pé, de jovens estudantes de suas capas e batinas nas escadas da via latina, era tão lindo, que so elle bastaria para constituir uma grande festa.

O grande concerto regido por o, ja agora imortal joven Arroio, distincto Quartanista de Direito, foi um verdadeiro successo, não so para Coimbra, mas até para o Porto ou para Lisboa — Pariz duvida que os tenha tido la melhores.

Successo digo eu! successo foram ellas todas as Festas, desde o seu começo até ao fim — e mais se não, continuemos a ver. —

A illuminação dentro do Pateo, quer do ar, enchendo-o todo n'uma immensa e ampla latada, quer do chão, deseminando-se por todo o jardim, era esplendida e d'uma magia continua — fóra, era deslumbrante = quer em toda a extensão da frente do theatro a gaz, quer á entrada para a Universidade, quer por a rua acima do Infante D. Augusto, cheia de globos de luz electrica, quer em fim por toda a Cidade, nas suas luminarias em differentes e variados gostos = Nesta noite, e nas duas seguintes, as ruas da Cidade alta, mostraram-se aos naturaes e aos estranhos, como nunca Coimbra de certo se tinha visto — n'alguns pontos as luminarias eram dum effeito maravilhoso, em magia indefinivel — Não sabia uma pessoa se havia de estar dentro do Pateo a ouvir o grande concerto, com o sympathico e admiravel Orpheon em todo o seu repertorio, se havia-de andar pelas ruas a gozar e a admirar tanta magia — o verdadeiro era fazer como eu, que a cada momento sahia, e tornava a entrar, até que ás duas para as trez horas, por necessidade, tive de ir deitar-me.

No dia 7, que é o que havia segundo o Programma? — ca fora as mesmas illuminações, deslumbrantes, juncto á Universidade, e magicas pelas ruas da Cidade — dentro do theatro Academico... oh! passou-se alli uma noite, destas que veem uma vez na vida — o tal sarau litterario,

em vez de pagar-se a 1\$000 réis o bilhete para elle, podia pagar-se bem a algumas libras, que eram bem empregadas.

Depois da primeira parte musical e da abertura do Sarau, por uma bem dirigida allocução do incansavel Presidente, o Exc.^{mo} Snr. Sergio de Castro, apparece no palco um vulto sympathico, que resumia a espectação de todos quantos alli estavamos -- era Pinheiro Chagas -- dizer este aureolado nome, é explicar cabalmente a tal espectação.

Eu não tinha visto nunca, e por tanto nunca ouvido Pinheiro Chagas -- mais que nenhum dos que eram alli por conseguinte, estava desejoso deste momento feliz. -- Ainda bem não tinha acabado d'apparecer aquelle sympathico homem, o estalar das palmas continuas, que jorrava do mesmo sentimento, generoso, nobre, unanime, teve de o fazer esperar um grande pedaço.

Abertos os seus labios d'orador consumado que é, a mais uberrima torrente d'eloquencia que tenho ouvido, a mais formosa e suave caudal de Poesia que me tem soado aos ouvidos, se não fez esperar -- Pinheiro Chagas para mim hoje, em eloquencia, é isto que se diz = um prodigio!

Apenas os diques se abriram ás torrentes da sua palavra, eu, confesso-o, tremi pelos rapazes -- tremi pelos jovens Poetas e oradores, e por todos os que se achassem inscriptos para aquelle sarau.

Qual foi porem o meu prazer, a minha alegria, o meu contentamento cheio, ao ver como todos aquelles bellos moços que, quer como Poetas, quer como oradores, fallaram, se souberam sustentar em tal altura sempre, que pareciam querer disputar a palma a Pinheiro Chagas, qual, sim, foi o meu contentamento cheio, á vista de tanta gentileza e galhardia, quer dos jovens oradores, quer dos jovens Poetas, não é facil sabel-o avaliar, senão o meu peito.

Em fim, o Sarau litterario-musical da noite do dia 7 de Maio em Coimbra, foi uma destas Festas unica, que apparecem so la d'anno a anno, mas nunca tão felizes como esta de Coimbra.

A palma, nem Pinheiro Chagas se ha-de gabar de a ter levado: Sua Excellencia ja tem cabellos brancos como eu, e portanto ja se não amuxa, por eu dizer isto -- os velhos cedem sempre, com amor paternal e grande prazer da sua alma, a gloria inteira aos jovens moços, principalmente

quando elles brilham tanto, como brilharam todos os do Sarau da noite do dia 7—Demais, é necessario incitar sempre sempre á gloria, quem é ainda muito novo.

Com o Poetico, com o eloquente, com o brilhantissimo Sarau litterario-musical, terminaram as Festas do dia 7—sahiu-se d'elle ja tarde, e fomos ainda (ao menos eu) a gosar as lindas e esplendidas illuminações por toda a Cidade.

O dia seguinte, 8 de Maio, era, no Programma, o dia ultimo dos festejos—mas eu apontei ahi acima mais os dias, 9 e 10—ora eu conto—mas primeiro é devida uma reseña das Festas do dia 8—O dia 8 de Maio de 1881, estava destinado 1.º á visita dos estabelecimentos scientificos—2.º a um grande successo—ao vehemente Protesto da Academia inteira em assembléa geral, dentro da sua caza e na rua, nos lugares mais publicos, contra o mais odioso dos atrazos, qual tem sido o proceder despotico em certos cazos, para com o estudante delinquente, e o que é muito mais ainda, muitas vezes para com os que nada fizeram, e so por suspeita sam accusados!!!—3.º á saudação enthusiasica, phrenetica á associação liberal na sua propria caza, para o que, em segundo cortejo com musicas á frente, se dirigiu pelas ruas da Cidade abaixo, até áquelle local—Os discursos eloquentissimos—os applausos phreneticos—os vivas enthusiasicos e delirantes, succederam-se então uns aos outros—tudo foi grande naquelle momento!—oh! mas um acto grandioso, commoveu o coração de todos quantos alli estavam—Pelas mãos do seu Presidente a Associação liberal offereceu á Commissão dos festejos, na pessoa do seu Presidente, uma linda coroa de louros altamente significativa—o Ex.^{mo} Sr. Sergio de Castro então, dirigindo-se a um voluntario dos que alli se achavam, diz—«Esta coroa, é a vós que vos pertence, nobres heroes da Liberdade, em nome da Commissão, e de toda a Academia, que ella vem aqui representar, dignai-vos de recebela, como louros que vos pertencem»—E dito isto enfiou-a-lha no pescoço—os bravos, as palmas, os vivas, atropelaram então os ares!—Continuemos—4.º a visita á Cadea, levando soccorros aos infelizes, cujos crimes alli encerraram—No meio d'um enthusiasmo indiscriptivel de vivas, ainda se passou além da cadeia, e la foi a Commissão por a rua da Sophia adiante, a levar mais soccorros provavelmente, ao azylo de mendicidade tambem.

Coberta de flores, como no dia do Prestito, pelas Senhoras, meninas e meninos da Cidade, que lh'as espargiam das janellas para baixo, a Commissão regressou ao Club donde tinha partido—finalmente o dia 8 era destinado mais 5.º á inauguração do monumento, erigido pelos Estudantes de 1880 para 1881, a CAMÕES.

Fez-se ás 5 horas da tarde com lusimento e pompa de uma capital—com toda a força de cavallaria (lanceiros) e infantaria disponivel em Coimbra, estacionada em frente do monumento—com a assistencia de todas as auctoridades e corporações—com o brilho de todo o corpo docente de seus capellos em volta—com todas as bandas reunidas numo, a tocarem á voz do insigne e joven Maestro, o Ex.º Sr. Arroyo—e no meio de vivas indescriptiveis a Eduardo d'Abreu.

Terminavam assim as Festas, segndo o Programma, mas houve mais á noite, como ja eu disse, outro Concerto monstro, debaixo das mesmas illuminações das noites anteriores.

Nos dias 9 e 10, fora ainda do Programma, houve no primeiro a confederação dos estudantes de todas as Escolas e Academias do Porto e de Lisboa, com os da Universidade,—e no segundo a confraternisação do Povo de Coimbra todo, com a Academia e com todos os Estudantes de Coimbra—isto foi tudo muito comovedor—

Os discursos succediam-se com delirio, tanto num como noutro acto—Ambos elles foram tão bellos, e tão imponentes, que se Pinheiro Chagas, que ja tinha deixado Coimbra, os prezenciasse, sentir-se-hia rejuvenescer, e chamar-lhe-hia —a coroa—a gloria—o triumpho bemdito das Festas em Coimbra a CAMÕES.

—«Portugal é bem digno da liberdade que disfructa» ouvi eu em Lisboa a um Francez, todo espantado de que, num concurso tão enorme de gente dentro da Capital, como foi o d'aquelles trez dias, nem um *remoque* houvesse siquer.

O mesmo digo eu com referencia a ambas as partes, e foi por isto que eu disse logo no principio—que o Tricentenario ao immortal POETA, foi uma grande gloria para Portugal.

FIM



Cam
285-2

No fim do meu Discurso publicado, se-
falso:

ADVERTENCIA

- As minhas obras, ultimamente publicadas, são:
- 1. — O Livro de João de Deus, 2.ª edição, 200 reis
 - 2. — A observação e o homem orgânico
Romance 300
 - 3. — O Vozes de Deus, 2.ª edição, 200
 - 4. — O Vozes de Deus, 2.ª edição, 200
 - 5. — O Vozes de Deus, 2.ª edição, 200

Quem quiser saber os títulos e os preços, de to-
dos os escriptos, que continham sempre pelos se-
nhores estudantes do Porto, de Coimbra, e de Lis-
boa, tanto publicados, d'ha vinte annos até agora,
compre o Vozes de Deus, 200 reis por
elle — apanha uma pançada de riso, e fica tão des-
cansado da sua vida, como se fora um d'aquelles
doctos e rubicundos frades das ogeographias moder-
nas, espedidos a dormir, a beber d'uma pipa, a per-
der-se toda.

(APARTE)

Preço, nas Leituras... 100 reis

No fim do meu Discurso publicado, lê-se isto :

ADVERTENCIA

- As minhas obras, ultimamente publicadas, sam :
- | | |
|--|----------|
| 1. ^a — <i>O Joven Ancião</i> (Poema) 2. ^a edição | 250 reis |
| 2. ^a — <i>A observação e o homem orgulhoso</i>
(Romance) | 300 » |
| 3. ^a — <i>O Processo Academico</i> (Satyra para
rir, ao Conselho de Decanos) 2. ^a
edição | 200 » |
| 4. ^a — <i>Camões de Rosalino Candido</i> (Poema) | 200 » |
| 5. ^a — <i>O Legendario Mysteroso</i> (Poema) . | 300 » |

Quem quizer saber os titulos e os preços, de todos os escriptos, que, coadjuvado sempre pelos Senhores Estudantes do Porto, de Coimbra, e de Lisboa, tenho publicado, d'ha vinte annos até agora, compre o *Processo Academico*. Dá-me 200 reis por elle — apanha uma pançada de riso, e fica tão desencanquinho da sua vida, como se fôra um d'aquelles bojúdos e rubicundos frades das oleographias modernas, esquecidos a dormir, á beira d'uma pipa, a perder-se toda.

(ÁPARTE)

Tricentenario de Camões em Portugal.

Preço, nas livrarias.... 120 reis